

## DONA IVONE LARA VIVE: REDES SOCIAIS E LUTA POLÍTICA

### DONA IVONE LARA LIVES: SOCIAL MEDIA AND POLITICAL STRUGGLE

Zilda Martins\*

Lídia Michelle Azevedo\*\*

Renata Nascimento da Silva\*\*\*

#### RESUMO:

A reflexão proposta neste artigo incide sobre os conceitos de racismo, colorismo e representação, observados em debates de redes sociais, quando Jô Santana, diretor do espetáculo *Dona Ivone Lara - O Musical*, escolheu a cantora Fabiana Cozza para representar a Rainha do Samba. Serão analisados comentários publicados na página oficial da peça, no Facebook, e no perfil de Cozza, no Instagram. Também vão ser investigadas publicações e repercussões do perfil da cantora, referentes à carta de renúncia ao papel. A proposta é compreender de que modo a ideologia racista atua na prática social e nos discursos virtuais. O anúncio dos organizadores do espetáculo, solicitando candidatas para interpretar a Rainha do Samba, sem definir o critério de artistas negras de pele retinta, e o contraste de cor entre Cozza e D. Ivone Lara, tensionou os debates. Esse trabalho será guiado por três eixos de respostas ao anúncio. No primeiro, houve negação da necessidade de verossimilhança; no segundo, aceitação da identidade negra de Cozza, mas não aceite do convite; e no terceiro, questionamento em torno da identidade negra da cantora. Também será verificado o teor das discussões a respeito das relações raciais, se ganharam mais visibilidade, considerando a abrangência das redes sociais. Teoricamente, o estudo será ancorado em autores como Sueli Carneiro, Muniz Sodré, Teun Van Dijk, Stuart Hall, Alice Walker, Manuel Castells, dentre outros. A metodologia resulta de pesquisa empírica e bibliográfica, de natureza descritiva e qualitativa.

---

\* Doutora e mestra em Comunicação e Cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ, pesquisadora do Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária - LECC/ECO/UFRJ e coordenadora do Grupo de Estudos Muniz Sodré sobre Relações Raciais. E-mail: zildamarti@yahoo.com.br

\*\* Doutoranda e mestre em comunicação e cultura pela Escola de Comunicação da UFRJ e co-coordenadora do Grupo de Estudos Muniz Sodré sobre Relações Raciais. E-mail: lidiamichelle@gmail.com

\*\*\* Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UERJ, pesquisadora do grupo de pesquisa TRAMA/ UERJ e co-coordenadora do Grupo de Estudos Muniz Sodré sobre Relações Raciais. E-mail: renascsilva1@gmail.com

**PALAVRAS-CHAVE:**

Colorismo, racismo, representação.

**ABSTRACT:**

This empirical and bibliographic research, of a descriptive and qualitative nature, problematizes the concepts of racism, colorism and representation observed in social media debates, when Jô Santana, show director of “Dona Ivone Lara - the musical,” chose singer Fabiana Cozza to play the Queen of Samba. Comments posted on the play’s official Facebook page and on Cozza’s Instagram account, as well as the online posts and repercussion after the singer refused the role will be analyzed to understand how the racist ideology acts in social practice and in virtual discourses. The organizers’ announcement requesting candidates to play the role of “Rainha do Samba,” with no criteria for dark skinned Black artists, and the hue contrast between Cozza and Dona Ivone Lara fueled the debates. This study will be guided by three axes of responses to the announcement: 1) denial of the need for verisimilitude; 2) acceptance of Cozza’s Black identity, but not of the invitation; and 3) questioning around the singer’s Black identity. It will also analyze the content of the discussions regarding racial relations, if they have gained greater visibility, considering the outreach of social media. Its theoretical framework includes authors such as Sueli Carneiro, Muniz Sodré, Teun Van Dijk, Stuart Hall, Alice Walker, and Manuel Castells, among others.

**KEYWORDS:**

Colorism, racism, representation.

**INTRODUÇÃO**

Em 2018, um anúncio publicado no Facebook, pedindo inscrição de candidatas para representar D. Ivone Lara no espetáculo *Dona Ivone Lara - O Musical*, deu origem a fortes debates em torno do racismo, gerando tensão em redes sociais. O dirigente da peça, Jô Santana, e a cantora escolhida para o papel, Fabiana Cozza, foram alvos de críticas. Termos como racismo, colorismo e representação, de forma explícita ou não, circularam nas redes, motivo pelo qual este trabalho pretende refletir.

Serão investigados comentários publicados na página do Facebook oficial do espetáculo e no perfil do Instagram de Cozza, cantora convidada para a representação de D. Ivone

Lara, levada a renunciar diante das manifestações de rejeição. Também vão ser analisadas as publicações do perfil da artista, que correspondem a carta de renúncia, a fim de apreender de que maneira a ideologia racista atua na prática social e nos discursos virtuais. A divulgação chamando candidatas sem definir critério fenotípico e o contraste de cor de pele entre Fabiana Cozza e D. Ivone Lara originaram a tensão que não diminuiu após a desistência.

As respostas aos anúncios giraram em torno de três pontos que guiarão este estudo na tentativa de compreender como as pessoas negras reagem à conscientização das relações raciais e de alguns conceitos. No primeiro, houve negação da necessidade de verossimilhança, por parte da produção; no segundo, aceitação, da identidade negra de Cozza, mas não aceite do convite; e no terceiro, debate em torno da identidade negra da cantora. Também será verificado o teor das discussões a respeito das relações raciais, se ganharam mais visibilidade, considerando a abrangência das redes sociais.

O trabalho enfocará problematizações da sociedade brasileira a partir do colorismo, debatido por autoras como Sueli Carneiro (2011) e outros. A identidade, como observa Hall (2016), por ser justamente tão ampla, dificulta a delimitação exata. Nesse sentido, as discussões sobre representação social serão articuladas com aqueles que entendem a representação enquanto atividade eminentemente discursiva, portanto socio-histórica ideológica, que envolve, sobretudo, lutas por representações.

A hipótese é de que o conhecimento e a disseminação do conceito de colorismo têm feito com que grande parte de pessoas negras e mesmo brancas se organize, a fim de aumentar a representatividade de pessoas negras de pele retinta em todos os quadros da sociedade. Essa escolha traz à tona diversos questionamentos como “quem é negro?”, “quem pode ser lido como negro?” e “como a representação é determinada?”. Teoricamente, o estudo será ancorado em autores como Sueli Carneiro (2011); Muniz Sodré (2002; 2015); Teun Van Dijk (2010); Stuart Hall (2016); Alice Walker (2004); Manuel Castells (2018); entre outros.

## **ENTRE O PALCO E AS REDES SOCIAIS: UMA DISPUTA DE SENTIDOS**

D. Ivone Lara nasceu no Rio de Janeiro, foi compositora, intérprete e a primeira mulher a integrar a Ala dos Compositores do Grêmio Recreativo Escola de Samba da Império Serrano. Participou do Orfeão dos Apiacás da Rádio Tupi, sob a regência de Villa-Lobos,

e do grupo de chorões, com Pixinguinha e Donga. Formou-se em Enfermagem e Serviço Social e trabalhou em hospitais psiquiátricos, com a Dra. Nise da Silveira. A dedicação ao samba só aconteceu depois da aposentadoria. Diferente de outras sambistas, D. Ivone teve que dividir o tempo entre hospitais e samba.

Fabiana Cozza é paulistana, cantora e jornalista. Aos 24 anos, deixou o jornalismo para dedicar-se inteiramente à carreira artística de intérprete, passando também pelo teatro e a dança, com forte ligação ao mundo do samba. Uma homenagem póstuma a D. Ivone Lara fez com que os nomes de ambas as artistas, amigas próximas, fossem envolvidos em debate virtual sobre colorismo e representação de mulheres negras no meio artístico.

As redes sociais, compreendidas como potência narrativa e interlocutora, trazem também a emergência da força tecnológica de consumo, material ou imaterial, cuja produção discursiva muitas vezes dispensa reflexão para mergulhar no vazio do imediatismo e da construção dualista de valores morais. No caso em análise, tal dualidade leva a refletir acerca do colorismo, do racismo e da representação da pessoa negra na sociedade, a partir das redes.

No dia 31 de maio de 2018, Fabiana Cozza publicou no perfil do Instagram o anúncio oficial de que viveria D. Ivone Lara no segundo ato da fase adulta da sambista, no musical *Dona Ivone Lara - Um Sorriso Negro*<sup>1</sup>. No dia seguinte, a notícia foi publicada no Facebook, na página oficial do espetáculo<sup>2</sup>, junto a uma justificativa da escolha, incluindo declarações de familiares da homenageada acerca das qualidades artísticas de Cozza e da relação íntima e artística que mantinham.

Enquanto no Instagram a postagem recebeu 743 curtidas e nenhum comentário negativo, na página do Facebook a reação foi diferente. Das 279 interações instantâneas (curtidas, corações, sorrisos etc.), 72 foram de desacordo. Já em relação aos 235 comentários, 105 argumentavam contra a seleção de Cozza, ao passo que 130 defendiam a licença poética da escalação. A principal alegação dos contrários era o fato de a sambista D. Ivone Lara ser uma mulher negra retinta, e Cozza uma mulher de pele clara. Algumas pessoas, inclusive, não a veem como negra.

Ela [Cozza] ainda continua sendo branca. Lida como branca pela sociedade, branca é. Vocês deveriam ter vergonha de não homenagear dona Ivone Lara do jeito que realmente ela foi em vida, respeitando acima de tudo sua cor e sua vivência como mulher negra retinta sambista. Até quando vocês vão continuar alimentando esse embranquecimento histórico ridículo? Parem de nos apagar, parem de nos matar, parem de tirar a nossa representação em sua magnitude original (JM, 2018)<sup>3</sup>.

Do lado de quem defendia a escolha, a justificativa baseava-se na mesma alegação usada no anúncio oficial: o talento da artista e sua íntima relação com D. Ivone Lara. “Fabiana Cozza tem tudo que é necessário para interpretar a rainha do samba, quem fala mal dela é porque não a conhece, não conhece sua luta pela negritude, pelo samba e pela nossa cultura. #somostodosfabianacozza #fabianacozza” (NL, 2018)<sup>4</sup>.

O debate foi tensionado a tal ponto que, no dia 3 de junho, a cantora usou novamente o perfil no Instagram para publicar, em três postagens, carta de renúncia ao papel<sup>5</sup>. No texto, Cozza se identifica como mulher negra, fala dos pais, deixando explícita e etnia de cada um deles, chama os críticos negros de irmãos e finaliza dizendo que renuncia “porque, como escreveu André Abujamra e interpretou meu amado amigo Chico Cesar, ‘alma não tem cor’”. A carta na íntegra foi publicada também na página de Facebook do musical<sup>6</sup>.

Diferente do que aconteceu com o primeiro anúncio, as três publicações no perfil de Cozza receberam, juntas, 5.409 curtidas e 719 comentários, muitos deles criticando a postura da cantora na carta. Para os críticos, a artista deixou claro não ter compreendido que a reivindicação por uma atriz de pele retinta se referia menos ao talento ou à negritude de Cozza e mais ao fato de pessoas de pele escura terem menos espaço no mercado de trabalho, principalmente o artístico.

[...] O que custa para vc (sic), que se identifica como mulher negra, abrir mão de um papel que pode trazer ainda mais representatividade para o povo negro se realizado por uma artista com o mesmo tom de pele e características físicas da Dona Ivone? Outras oportunidades de trabalho virão para vc (sic) que tem talento e já está inserida no mercado da música. [...] ver negros retintos interpretando personagens ilustres da nossa história e cultura [...] é de extrema importância [...] (NF, 2018).

Como aconteceu anteriormente, algumas pessoas elogiaram e defenderam a postura de Cozza. Uma delas foi a artista baiana Margareth Menezes, que chegou a pedir a Fabiana para não abrir mão do papel. A cantora enfatiza que “se vc (sic) deixar que o ‘não’ dos outros seja maior que o ‘sim’ que corre nas suas veias isso se tornará uma ferida aberta e só sarará quando vc (sic) realizar essa missão”.

Na página oficial do musical no Facebook a repercussão da carta de renúncia superou a do anúncio. Foram mil interações diretas e 865 comentários. O debate gerado foi semelhante e alguns seguidores também saíram em defesa da cantora. “Não nos conhecemos, mas não renuncie a oportunidade que o destino te oferece. A cor da pele não pode impedir

ou interferir no seu trabalho. Se vc (sic) foi a escolhida, é pq (sic) sabem e acreditam na sua competência [...]”. (GI, 2018). Outro internauta retrucou: “A sua carta de renúncia deixa claro que não entende nada de raça” (PZ, 2018)<sup>7</sup>.

Nenhuma postagem conter questionamento ou consulta pública - todas foram realizadas em forma de comunicado -, o que pressupõe sentimento ao direito de opinar por parte dos seguidores dos dois perfis pode ter sido admiração pelas duas artistas. Esse fator somado à escolha do uso de rede social como meio de envio de mensagem propiciou a troca de opiniões, considerando que debate é “um lugar de exposição de argumentos para formar uma argumentação” e que é composto por “atores participantes no processo decisório ao qual um debate pode estar sujeito” (SIMONASSI et al., 2017, p. 182).

Isso se deu pela característica do veículo escolhido para divulgar a informação. As redes sociais fazem parte do que chamamos de Web 2.0 (SIMONASSI et al., 2017), quando a internet deixa de ser uma via de mão única, semelhante a outros veículos de comunicação existentes até então - uma pessoa escreve e a que tem acesso ao conteúdo lê -, para se tornar uma via de mão dupla - o usuário também se torna um produtor de conteúdo.

Os debates 2.0 são dedicados principalmente à concertação que visa obter a opinião dos cidadãos sobre determinados assuntos. Cabe observar que o termo debate, por si só, é geralmente associado apenas às concertações originadas por gestores ou decisores políticos e é raramente associado aos anseios dos cidadãos que desejam participar ativamente do processo por meio de uma tomada de decisão coletiva. Entretanto, com a evolução para a Web 2.0, parece haver uma forte tendência do público em relação a esse cenário (SIMONASSI et al., 2017, p. 186).

Trata-se da circulação, como observa Grohmann (2018). Segundo o autor, esse conceito refere-se à “‘circulação de sentido’, tal qual em Silverstone (2002; 2006), como circulação de símbolos e significados por meio de processos comunicacionais, que são sociais e discursivos (por meio de interdiscursividades e intertextualidades, por exemplo)” (GROHMANN, 2018, p. 3). O autor explica que o termo “sentidos” evidencia valores, visões de mundo e ideologias em circulação nos processos comunicacionais.

De fato é por meio da circulação em vários espaços - alguns fixados, outros ressignificados, que acontece a disputa de sentidos, com lutas e contestações, geralmente para que o discurso de um determinado grupo sobressaia sobre o outro. Neste caso, parte da comunidade negra que não concordava com a representação de D. Ivone Lara através do corpo de Cozza deu início ao debate, por meio da circulação de sentidos, de modo

a fazer com que a produção do musical mudasse de posição e tirasse Cozza do papel, o que acabou acontecendo através da renúncia da própria artista.

## NEGARAM A NECESSIDADE DE VEROSSIMILHANÇA

O que mantém a invisibilidade da população negra na sociedade e qual a relação entre o real e a representação do real? A primeira questão não é nova e uma das respostas possíveis seria o “racismo de dominação” (Sodré, 2015). Há também o “racismo de exclusão” (Idem), cuja diferença, no primeiro caso, é a segregação dos indivíduos por cor de pele e, no segundo, o “pressuposto da existência de raças com diferentes aptidões sociais” (SODRÉ, 2015, p. 91-92). Trata-se do racismo e da hierarquização impostos pelas classes dominantes.

Aos dois conceitos acrescentamos o racismo de extermínio, ancorado na necropolítica (MBEMBE, 2018), suposta ferramenta de combate ao “inimigo”, legalizada pelo Estado. Para compor esse grupo de pessoas não desejáveis são eleitos, pela sociedade e pelo poder instituído, jovens negros, pobres e periféricos que vivem em constante ameaça, sob a mira de um fuzil. Esses são mortos e transformados, midiaticamente, em estatística. Da classe média também emergem sujeitos negros retintos, vítimas da invisibilidade, da violência ou da morte simbólica. A isso soma-se a ausência de empatia da sociedade brasileira, herdada da escravidão e renovada no pós-abolição. No processo de negação das diferenças, a classe média se ausenta e os mais ricos do país, afirma Sodré (2015), desejam cada vez mais ocupar os espaços simbólicos.

À medida que se expande esse espaço, diz Samuels, o sujeito parece eliminar o espaço do outro para a simbolização e, portanto, “pode eliminar o outro ou parecer fazer isso. A desigualdade econômica abole as ansiedades de alteridade ou de ter que se relacionar com pessoas que sejam psicologicamente outras, encoraja fantasias de separação e isolamento” (SAMUELS *apud* SODRÉ, 2015, p. 92).

A suposta democracia racial é um exemplo de isolamento programado, porque encobre deliberadamente o racismo de exclusão e de extermínio, constrói relações hierárquicas e faz parecer normal os privilégios daqueles que se desejam inquestionáveis, ancorados na crença do mérito e nas conquistas econômicas e sociais. Parte das estratégias de dominação é nomear os outros como grupos, sem jamais se incluir eles próprios como tal, contudo, para além da luta de classes, a desigualdade pelo viés racial se expandiu, se descortinou e colocou na mesma esfera pública relações históricas de opressão, invisibilidade, apagamento da população negra e resistência.

No caso da representação de D. Ivone Lara em análise, a insistência em negar a importância da verossimilhança da representante com a representada, sob a alegação de talento, de escolha ou de prática de racismo daqueles que são contrários, indica em parte o inverso do que se alega. O teor da frase imperativa “não deixe que pessoas racistas impeçam que recontem a história de D. Ivone Lara” (JLA, 2018) ilustra bem a mentalidade eurocêntrica em voga há séculos no Brasil e ainda presente nos dias atuais. Existe um discurso de desconstrução racial, de negação da diferença e de tentativa de embranquecimento de personalidades negras, fortemente adotado pela mídia hegemônica - formadora da opinião pública - reforçando a invisibilidade da pessoa negra e de sua identidade étnica.

Anúncio publicitário da Caixa Econômica Federal serve de exemplo. Para comemorar os 150 anos da instituição, a peça mostra o reconhecido escritor brasileiro, Machado de Assis, depositando dinheiro em uma caderneta de poupança. No comercial, o escritor negro, neto de escravizados, aparece representado por um ator branco. A cena reforça o imaginário ideal do embranquecimento. Além disso, enfatiza o *ethos* da mentalidade social de velar por uma memória de esquecimento, na qual memória individual e coletiva - nacional - disputam um lugar. Na abordagem de Pollak (1989), o silêncio sobre o passado não conduz a um esquecimento real, mas “[...] a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais” (POLLAK, 1989, p. 5). No Brasil do século XIX e início do XX, a memória é de apagamento, a partir de um projeto de nação que inclui o discurso de incentivo a imigrantes europeus, a fim de embranquecer o povo brasileiro, e a valorização da mestiçagem como reforço à suposta democracia racial.

Esquecer a responsabilidade do Estado diante do genocídio histórico provocado pela escravidão, não reconhecer a construção do país por africanos e afro-brasileiros e ainda tentar esconder atores como Machado de Assis, no passado, ou D. Ivone Lara, no presente, por meio do véu da brancura idealizada, além de ser uma violação da identidade, é um apagamento da memória. Assim, observa Pollak (1989), coexistem conflitos entre lembranças de uns e silêncios de outros, sem reconhecimento e sem reparação. “As fronteiras desses silêncios e ‘não-ditos’ com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento” (POLLAK, 1989, p. 8).

O que se evidencia com a negação de verossimilhança entre um(a) representante branco(a) e um(a) representado(a) negro(a) são as mesmas ideologias de superioridade e

hierarquização, construídas no passado e ainda vigentes pelo poder simbólico. A questão colocada inicialmente acerca da diferença entre o real e a representação do real pode ser respondida a partir de van Dijk (2010), por meio do discurso político. Para o autor (2010), existe uma influência do poder social ao controle de recursos materiais e imateriais, como o conhecimento, a educação, a fama ou a força física.

Se o poder é definido em termos de controle de (membros) de um grupo sobre outros, então tais formas de poder político, acadêmico ou empresarial realmente se tornam efetivas se fornecem acesso especial aos meios da produção discursiva e, portanto, ao gerenciamento das mentes do público (VAN DIJK, 2010, p. 23).

Sendo a representante parte dessa lógica de controle, dominação e poder, ela está imbuída de uma legalidade imaginária para exercer o papel, enquanto a representada se mantém presa nas teias da memória individual, portanto, sujeita ao esquecimento. No caso de Machado de Assis e D. Ivone Lara, as múltiplas vozes de acesso virtual reverteram o quadro, ao denunciar o racismo e inserir o tema na agenda pública de debate político. Com todo o império da mídia, a resistência coletiva de grupos oprimidos, consegue mexer com a estrutura, ainda que pontualmente.

## ACEITARAM A IDENTIDADE DE FABIANA COZZA

A comunicação, campo epistemológico marcado pela diversidade e pelo comum, se distancia da mídia, cada vez mais regida pela lógica da tecnologia e do mercado, como afirma Sodré (2002). O “bios midiático”, conceito desenvolvido pelo autor como uma nova forma de sociabilidade, é um simulacro do real e atua na sombra deste. A era da informação apresentada por Castells (2018) é formada por redes, cuja lógica é a apropriação cultural. Tais redes alimentam-se das culturas, dos hábitos, dos territórios, das religiões e das etnias. Dito de outra forma, a rede opera com poderes abstratos de dominação. “Ao poder da rede opõe-se o poder da identidade” (CASTELLS, 2018, p. 93). Ao mesmo tempo, as redes sociais digitais se desenham enquanto arenas de disputas, potentes espaços para reflexão e trocas, contudo, o que se observa é a disseminação da *doxa* (opinião), apresentada justo no vazio deixado pela ausência do pensamento crítico. Poderiam as redes sociais digitais ser um meio de comunicação válido para os que não tem representatividade nos meios hegemônicos?

Segundo Luís Martino (2015), o espaço virtual apresenta um caráter cívico considerável, porque possibilita ao sujeito atuar em debates e construir participação política em

defesa de causas, interesses ou estilos de vida que encontram compartilhamento no espaço. Em certa medida, a internet “redesenhou” uma série de mudanças na forma de engajamento político, principalmente para aqueles que não tinham espaço nos meios tradicionais. Também ampliou o debate sobre o conceito de “espaço público” ao se colocar como mais um “lugar” de discussão que reverbera em diversos espaços. Esse processo das redes pode fomentar movimentos sociais como também falas intolerantes e discursos de ódio. Logo, as redes sociais digitais podem ser ferramentas para o debate lúcido ou expressão de intolerância, como observado no caso de Fabiana Cozza, em que as redes se tornaram espaço de discussão sobre a identidade étnico-racial da cantora.

Para Hall (2016), identidade é algo complexo que surge do nosso “pertencimento” às culturas étnicas, raciais, linguísticas, grupos religiosos, grupos nacionais etc. O autor observa que a questão se relaciona com as visões de sujeito ao longo da história. A identidade se forma num campo de batalha entre intenções, disputas e segregação, mediada pela cultura. Essa orquestração pode unir povos, criar a ideia de sociedade, grupos sociais ou segregar coletivos. Reconhecemos que identidade, cultura e sociedade não se separam e seu processo de constituição é mediado também pela política e práticas sociais. Dito isso, de que modo podemos analisar o processo de identificação de Fabiana Cozza com D. Ivone Lara?

A “identidade” da sociedade brasileira é complexa, pois construiu-se a partir de uma política de genocídio, de epistemicídio e de (in)visibilidade “controlada” da população negra. Essas ações geraram uma cultura de desigualdade - econômica, política, social, cultural, histórica etc. - baseada na violência, tanto física como psicológica, na negação das individualidades negras (singularidades das identidades) e no não reconhecimento das narrativas (história/personagens) da população negra.

As elites brasileiras no intuito de construir uma unidade nacional e mascarar o sujeito negro, trataram de defender processos políticos para justificar a miscigenação. O processo de mestiçagem buscou embranquecer o país, esconder o racismo e fortalecer o ideal branco (normatividade eurocêntrica). Tal política foi vertical e unilateral, imposta ideologicamente e culturalmente à população negra, cujo processo tornou-se fundamental na construção do mito da democracia racial, na ideologia de embranquecimento e na negação das identidades negras.

Segundo Neusa Santos Souza (1983), o pensamento racial tornou paralelas a cor da pele e a posição social, a graduação socioeconômica, o prestígio e a bagagem cultural

do sujeito. Ao transformar o africano em escravo, a sociedade definiu o negro como raça, demarcou sua posição na sociedade, construiu os padrões de relações entre brancos e negros e marcou a representação do negro como socialmente inferior devido a sua pele.

Essas questões ajudam a compreender como ocorre a identificação do ser “negro” ainda hoje, e também de que modo a tonalidade da pele vai “determinar” a inclusão ou exclusão nos grupos sociais, ou seja, pessoas de pele retinta - nariz largo, traços étnicos bem definidos, estereotipadas por representação presente no imaginário social - podem ter mais dificuldade de ultrapassar barreiras sociais.

D. Ivone Lara foi uma mulher negra que enfrentou diversas opressões impostas ao seu corpo, como racismo e machismo. Essas questões fazem parte da trajetória que se traduzem no título de “primeira-dama do samba” e nas composições musicais.

...Negro é uma cor de respeito  
Negro é inspiração  
Negro é silêncio, é luto  
negro é... a solidão

É estatisticamente comprovado que mulheres negras enfrentam dificuldades financeiras, são as maiores vítimas de violência doméstica, encontram barreiras para ascensão social, entre outras. Tais constatações evidenciam o percurso árduo na carreira de D. Ivone até atingir o sucesso. A realidade de vida da artista impacta na identificação racial de Cozza. A escolha da artista para viver D. Ivone Lara no teatro, mesmo não tendo uma tonalidade de pele retinta, demonstra que o desempenho individual está acima das questões coletivas e das disputas políticas. Sua identidade racial tem atributos que se aproximam mais do padrão normativo da estética hegemônica, por isso é escolhida para ocupar espaços de predominância branca.

Retratar a “primeira-dama do samba” sem levar em consideração esses apontamentos da identidade negra reforça o silenciamento, tão combatido pelos movimentos negros. Além disso, o mascaramento pela via do colorismo da ascensão negra conduz à legitimação da narrativa hegemônica. Ao aceitar e defender uma identidade de pele clara como representante de uma personagem de pele retinta apaga-se a importância do representado, tornando invisível a personalidade negra de destaque. Dito de outro modo, ignorar a identidade negra despolariza a luta contra o racismo, porque apaga a memória

e mantém um círculo vicioso da condição de silenciado pela narrativa racista, retirando da vida pública o protagonismo do sujeito negro.

## NEGARAM A IDENTIDADE DE FABIANA COZZA E SUA ESCALAÇÃO

O principal argumento de quem não concordava com a escalação de Cozza para interpretar D. Ivone Lara foi a diferença no tom de pele das duas artistas. Os questionamentos giraram em torno não só da necessidade de verossimilhança, mas também da constatação de que quanto mais escuro o tom de pele da pessoa negra menores são as oportunidades no mercado de trabalho. Logo, em musical feito para contar a vida de uma mulher preta de pele retinta, que foi pioneira em vários aspectos da vida, o esperado era ver representatividade no palco.

Questionamentos como estes estão presentes nos debates em torno do colorismo. Até o momento, a literatura indica que a primeira intelectual a pensar e conceituar o termo foi Alice Walker, em 1982, no texto “Se o presente parece o passado, com o que se parecerá o futuro?”<sup>9</sup>. Segundo a autora, o conceito se refere ao “tratamento prejudicial ou preferencial dado a pessoas da mesma raça baseado somente na cor da pele” (WALKER, 2004, n.p.), o que seria um impeditivo para o progresso da população negra como irmandade.

O colorismo nasce como resultado do processo de mestiçagem, quer dizer, na mistura de raças, que no período colonial aconteceu, majoritariamente, a partir de estupros. Para Munanga (1999), essa foi justamente uma das consequências do processo de branqueamento pelo qual as sociedades colonizadas passaram, já que as “dificuldades dos movimentos negros em mobilizar todos os negros e mestiços em torno de uma única identidade ‘negra’ viriam do fato de que não conseguiram destruir até hoje o ideal do branqueamento” (p. 16)<sup>10</sup>.

Sueli Carneiro se une ao debate para dizer que essa construção e o anseio pelo embranquecimento vêm da época da escravidão. “Aprendemos”, segundo ela, “a não saber o que somos e, sobretudo, o que devemos querer ser” (2011, p. 64). Aprendemos ao longo do tempo que quanto mais próximos ficamos da aparência e dos costumes do colonizador, mais chances de conseguir alcançar um *status* social respeitável. De acordo com a autora, todos acreditam que realmente o clareamento da pele e dos traços fará de você uma pessoa mais inteligente, mais bonita, mais civilizada e, conseqüentemente, mais socialmente aceita.

A língua denuncia o falante. No termo “pardo” “cabem os mulatos, os caboclos e todos os que não se consideram brancos, negros, amarelos ou indígenas”. Todos os que não se desejam negros, amarelos ou indígenas encontram uma zona cinzenta onde possam se abrigar, se esconder e se esquecer de sua origem renegada (CARNEIRO, 2011, p. 64).

Para Walker (2004), todo mestiço - preto de pele mais clara - geralmente descende de uma mulher de pele muito escura, e negar isso é negar a origem. Na carta de renúncia, Cozza evidencia em vários momentos se reconhecer como mulher negra e fala da descendência. Parte das pessoas que se manifestaram durante o debate não reconheceram essa identidade que ela reivindica para si, afirmando que os parentes não a tornam negra, mas sua cor de pele, sim, a torna branca, partindo da percepção de que o racismo é fenotípico, logo, se dá a partir do que se vê, da leitura que é feita do corpo do outro. Segundo os defensores desse pensamento, seria um oportunismo aceitar o papel. Outros reconheceram a negritude da artista, mas a acusaram de não entender a luta por representatividade do movimento negro, principalmente de pessoas de pele retinta.

Ao falar sobre colorismo, numa perspectiva voltada para o feminismo, Walker (2004) convoca as mulheres de pele mais clara a entenderem seu lugar de privilégio, não só por causa da pele, mas também pelo cabelo, muitas vezes menos crespos, e pelos traços mais finos. Para ela, é preciso que todas, sem exceção, se entendam negras e lutem por uma igualdade de tratamento. Esse é o argumento utilizado para criticar a afroconveniência - termo em referência às pessoas negras que só reconhecem a etnia para obter alguma vantagem. Isso ocorre porque alguns negros, ao ocuparem lugares de privilégios, não fazem esforço para abrir portas e puxar quem está atrás. Mais do que se dizer negro, se cobra uma postura negra (de parceria, compreensão e afeto).

Apesar de pensar num contexto feminismo branco *versus* feminismo negro, a reflexão de Audre Lorde (2015) pode ser usada para pensar o contexto em torno deste trabalho. Lorde considera importante que as mulheres reconheçam as diferenças entre elas, mas isso não justifica nem é motivo para separação. “O que nos separa é, ao contrário, nossa recusa a reconhecer as diferenças e a analisar as distorções que derivam da falta de nomeação tanto a essas diferenças quanto a seus efeitos na conduta e nas expectativas humanas” (2015, n.p.).

## CONCLUSÕES

Este artigo buscou demonstrar, por meio do debate em torno da escolha de Fabiana Cozza para interpretar D. Ivone Lara, o quanto a percepção de cor e de raça no Brasil ultrapassa a fenotípia e adentra a questão socioeconômica e cultural. O exercício de compreender quem é negro ou demarcar os privilégios do colorismo racial se torna algo bastante complexo devido à ideologia e à violência dos processos de mestiçagem.

A questão não reside apenas na cor da pele, mas no apagamento da memória de grandes personalidades negras, tornando-as inexistentes. Se hoje, D. Ivone Lara é celebrada pela sua vida, obra e talento, passados cem anos ela corre o risco de ser lida como uma pessoa de pele clara, considerando a possibilidade de escolha de Cozza para representá-la. Optar por uma atriz de compleição clara para o papel de pele retinta diz muito sobre a compreensão do racismo brasileiro. Reconhecer-se negro é assumir uma posição política, logo é lutar contra o sistema racista que busca embranquecer os negros.

Duas questões podem ser consideradas no caso em análise. De um lado, uma personalidade que se reconhece negra, mas não é, majoritariamente, lida como tal e mesmo assim aceita representar outra personalidade de pele retinta, sem ponderar o que isso representa para a memória social de um povo. Outra questão é perceber a reação pública de um segmento da sociedade, que a despeito de ser mantido em lugar de subalternidade, de ser insistentemente distanciado dos direitos básicos, materiais e simbólicos, de ser objeto da necropolítica do Estado, emerge como um dragão e grita basta ao apagamento do sujeito negro. Neste trabalho não foram analisadas agressões, mas debates como os que reagiram à carta de renúncia, alegando que Cozza não havia compreendido a luta política do povo negro.

Os diversos comentários contrários e favoráveis à cantora revelam a dificuldade de se delimitar uma identidade, sobretudo a étnica, como sinaliza Stuart Hall, ao abordar a temática. O sujeito negro é constituído de uma larga paleta de cores, o que não o torna menos negro. Ao mesmo tempo é sabido que o racismo vigente na sociedade aponta, discrimina e desautoriza aquele ou aquela cujo tom de pele seja mais escuro do que o aceitável pelo ideal de mestiçagem. Desse modo, a tensão gerada a partir do anúncio de uma artista de pele clara para representar a Rainha do Samba - mulher negra de pele retinta - encontra respaldo na luta política pelo reconhecimento e valorização da pessoa negra.

Concluimos que o debate nas redes sociais, em torno da racialidade de Cozza, não consiste em desmerecer o talento e a trajetória da atriz, nem sua identidade negra. Trata-se de um comportamento em defesa do protagonismo negro e, igualmente, uma luta contra o colorismo enquanto ponte para se obter vantagens numa sociedade racista. O colorismo pode contribuir ainda mais para o silenciamento de quem já encontra resistência, e dificulta responder as questões postas acima acerca de “quem é negro”, “quem pode ser lido como negro” e “como a representação é determinada.” Estas interrogações continuam em aberto, mas indicam a escuta dos próprios sujeitos afetados. O privilégio dos de pele clara é evidente, contudo não se trata de exclusão, mas de compromisso com a solidariedade, afinal, em uma comunidade de consciência racial apurada, o vínculo, o acolhimento e o afeto são imperativos. Nesse comum, o tom da pele não importa ou não deveria importar, e sim a consciência política do que isso representa.

## REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, Sueli. A miscigenação racial no Brasil. *In*: CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011. p. 64.
- CASTELLS, Manuel. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- GROHMANN, Rafael. Em busca dos fãs de Bolsonaro no Twitter: reflexões epistemológicas e metodológicas sobre circulação de sentidos e pesquisa em mídias sociais. *In*: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 27., 2018, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2018.
- HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.
- LORDE, Audre. Idade, raça, classe e sexo: mulheres redefinindo a diferença. **Preta, Nerd & Burning Hell**, [S.l.], 7 nov. 2015. Disponível em: <https://bit.ly/3sVLuOJ>. Acesso: 29 fev. 2020.
- MARTINO, Luis Mauro Sá; MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro (org.). **Teoria da comunicação: processos, desafios e limites**. São Paulo: Plêiade, 2015.
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- MUNANGA, Kabengele. **Redescutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3. p. 3-15, 1989.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. *Claros e Escuros: identidade, povo, mídia e cota no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2015.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983.

SIMONASSI, Rafael *et al.* Debates online e seu papel democrático: uma análise das principais características e ferramentas. *Mídia e Cotidiano*, Niterói, v. 11, n. 2, p. 178-194, 2017.

VAN DIJK, Teun A. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2010.

WALKER, Aline. If the present looks like the past, what does the future look like? *In: WALKER, Aline. In search of our mothers' gardens: womanist prose*. Boston: Mariner Books, 2004. p. 290.

## NOTAS

1. Anúncio oficial do convite a Cozza para o papel de D. Ivone Lara publicado no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Bjcsf5Dlrbk/>. Acesso em: 28 fev. 2020.
2. Anúncio de confirmação do convite publicado na página oficial *Dona Ivone Lara - O musical* no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/159556191396464/posts/173611413324275/>. Acesso em: 28 fev. 2020.
3. Todos os comentários, embora sejam públicos, terão a fonte preservada, com nomes fictícios. Esse trecho foi extraído do facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/159556191396464/posts/173611413324275/>. Acesso em: 28 fev. 2020.
4. Idem.
5. Carta de Fabiana Cozza anunciando a renúncia ao papel, publicada no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BjkLxCAF7/>, <https://www.instagram.com/p/Bjkl5dFl7IB/> e <https://www.instagram.com/p/BjkXpYul6rA/>. Acesso em: 28 fev. 2020.
6. Carta de renúncia de Fabiana Cozza, publicada no Facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/159556191396464/posts/174070143278402/>. Acesso em: 28 fev. 2020.
7. Trecho extraído do facebook. Disponível em: <https://www.facebook.com/159556191396464/posts/174070143278402/>. Acesso em: 28 fev. 2020.
8. Trecho da canção "Sorriso Negro". Disponível em: <https://www.letras.mus.br/fundo-de-quintal/1718878/>. Acesso em: 28 abr. 2020.
9. Parte de uma coletânea de textos de Walker publicados no livro *In search of our mothers' gardens*, o qual eu tive acesso por empréstimo de uma biblioteca online americana. Toda referência ao texto neste artigo foi traduzida livremente por mim.
10. É importante explicar que quando se fala em uma única identidade negra, como na citação, não quer dizer um mesmo pacote de costumes, e sim uma forma de falar sobre a junção de várias negritudes em torno da construção de um movimento político e social forte em torno do tema, a fim de abarcar as subjetividades e evitar que novos momentos de violência, subjugação e apagamento ocorram.

Artigo recebido em: 10 de agosto de 2021.

Artigo aceito em: 06 de dezembro de 2021.

Formato: 21,0 x 29,7 cm

Fontes: Trebuchet MS

Miolo: Papel Off-Set 75 g/m<sup>2</sup>

Capa: Cartão Supremo 300 g/m<sup>2</sup>

Impressão:

Tiragem: